

Vera Lúcia Santiago Araújo
Universidade Estadual do Ceará
verainnerlight@uol.com.br

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP. 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 30/05/2008
Avaliado em: 20/07/2008

Publicação: 30 de setembro de 2008

POR UM MODELO DE LEGENDAGEM PARA SURDOS NO BRASIL¹

RESUMO

A Universidade Estadual do Ceará vem investigando a acessibilidade audiovisual por oito anos. Duas pesquisas anteriores (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a; ARAÚJO, 2005; ARAÚJO, 2007), enfocando a legendagem para surdos, sugeriram que o modelo norte-americano de *closed caption* exibido pelos canais de televisão brasileiros não é muito eficiente. Essas pesquisas demonstraram que a condensação e a edição são elementos essenciais para que um surdo assista a um programa ou filme legendado. Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de recepção que investigou o nível de edição e o formato ideal para garantir a acessibilidade audiovisual de surdos e deficientes auditivos brasileiros. O estudo procurou encontrar um modelo de legendagem para surdos que atenda à comunidade surda de nosso país.

Palavras-Chave: Legendagem, surdos, *closed caption*, televisão, acessibilidade audiovisual.

ABSTRACT

The State University of Ceará has been investigating audiovisual accessibility for eight years. Two previous studies (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a; ARAÚJO, 2005; ARAÚJO, 2007) on subtitling for the Deaf and The Hard-Of-Hearing (SDH) have suggested that the North-American *closed caption* model available on Brazilian open television is not as effective as it might be. These studies have also demonstrated that condensation and editing are key elements in enabling deaf viewers to enjoy a subtitled movie or program. This article aims at presenting the results of a reception research which investigated the level of editing and the subtitle format that would increase accessibility for Brazilian Deaf and Hard-of-Hearing individuals. This research has tried to find a model of SDH that meets the needs of the country's deaf community.

Keywords: Subtitling, deaf, *closed caption*, television, audiovisual accessibility.

¹Meus agradecimentos à bolsista IC FUNCAP Elida Gama Chaves, à mestrande Aline Nunes de Souza (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) e à Professora Soraya Ferreira Alves pela grande colaboração dada a essa pesquisa nos dois anos de sua realização. Agradeço também à FUNCAP pelo apoio financeiro.

1. INTRODUÇÃO

Em duas pesquisas anteriores realizadas na Universidade Estadual do Ceará (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a, ARAÚJO, 2005, ARAÚJO, 2007), o modelo de legendagem para surdos apresentado pela Rede Globo foi testado. Os resultados sugeriram que as legendas densas e rápidas exibidas pela emissora dificultaram a recepção dos nove sujeitos participantes da pesquisa do Instituto Cearense de Educação dos Surdos (ICES) de Fortaleza. Foram realizadas duas pesquisas de recepção: um estudo piloto com as legendas da Globo e outro com legendas produzidas pela equipe. O estudo piloto constituiu-se em testes realizados com oito trechos de diferentes programas da Globo. Cada trecho era exibido separadamente e um questionário, contendo perguntas sobre imagem, conteúdo e detalhes, era distribuído em seguida. Os resultados revelaram que os surdos não conseguiram acompanhar nenhum dos itens de programação da emissora. Esses dados sugeriram que uma maior condensação dessas legendas era necessária para que os surdos assistissem a programas legendados, harmonizando imagem, conteúdo e legenda.

No segundo estudo, novas legendas foram confeccionadas. Nas legendas da Globo, ocorre uma quase transcrição, ou seja, aproximadamente, 70% do que é dito é traduzido. Nas novas legendas, esse nível de condensação foi maior, ou seja, semelhante a um dos parâmetros utilizados para legendas preparadas para ouvintes (tradução de, aproximadamente, 50% do que é dito). Apesar de terem conseguido assistir aos programas desta vez, os surdos ainda reclamaram muito da rapidez das legendas, sugerindo que estas necessitariam de mais edição.

Com o intuito de abordar essa problemática, uma nova pesquisa foi realizada. Este artigo traz os principais resultados desse trabalho, que procurou responder às seguintes perguntas: qual seria o nível de condensação das legendas necessário para que o surdo brasileiro assista, confortavelmente, aos programas de televisão? Qual seria o modelo ideal para que o surdo brasileiro tenha acesso ao lazer e à informação proporcionados pela televisão?

2. A LEGENDAGEM PARA SURDOS

A legendagem é um recurso de acessibilidade para espectadores surdos que consiste na inserção de legendas em produções audiovisuais. Essas legendas diferem daquelas para ouvintes por alguns aspectos: 1) introdução de informações adicionais dependen-

tes do canal auditivo para que aqueles com deficiência possam acompanhar filmes e programas de televisão 2); questões técnicas; e 3) concepção de tradução. (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a, ARAÚJO, 2005, ARAÚJO, 2007).

São dois os tipos de informação adicional. O primeiro é a identificação dos falantes. Quem fala deve ser apontado(a), pois o surdo pode ter dificuldades para identificá-lo(a), prejudicando, assim, a compreensão (IVARSSON, 1998, p. 130). No sistema europeu, a distinção dos falantes é feita por meio das cores. Em Portugal (NEVES, 2005 e 2007), o falante é identificado pela legenda colocada sobre ele ou em colchetes com a cor amarela. Quando está em cena, a legenda é branca com tarja preta. Quando está fora de cena ou quando não se pode distinguir quem está falando, a legenda deve ser amarela sem tarja e identificada com o nome desse falante entre colchetes (Figura 1).



Figura 1. Modelo europeu: legenda sobre os falantes.

No Brasil, a diferenciação é feita com a legenda sobre o personagem ou com a informação entre colchetes.



Figura 2. Modelo brasileiro: identificação do falante entre colchetes

O segundo tipo de informação adicional é a inclusão de efeitos sonoros. Esses efeitos devem ser explicitados (IVARSSON, 1998, p. 130), para que o surdo entenda o que está acontecendo no filme ou programa de televisão. Segundo Donaldson (1998),

os efeitos sonoros mostrados pela legenda são muito importantes para que os surdos assistam a uma produção audiovisual. Apesar desta relevância, algumas vezes, a tradução destes sons é desnecessária, porque a informação poderia ser deduzida com o auxílio da imagem. O autor cita um exemplo bem simples, o barulho de uma porta fechando (na tela apareceria [Porta fechando]). Se a ação for visível, não seria necessária a indicação do fechamento da porta. Donaldson crê que o procedimento americano de legendar todos os efeitos sonoros irritaria muito os surdos ingleses. Os surdos cearenses, autores da proposta a ser descrita aqui, não corroboraram essa afirmação, quando disseram ser importante a tradução de tudo o que produz som. Para eles, saber o que pode causar barulho pode ajudá-los na convivência com ouvintes.

No que diz respeito às questões técnicas, aqui no Brasil as legendas para surdos e ouvintes são confeccionadas de maneira totalmente diferente. Para ouvintes, os tradutores se utilizam de softwares de legendagem (um deles será descrito na próxima seção) para produzirem legendas com no máximo duas linhas e com duração de até 4 segundos (na Europa, são 6 segundos). Como nem tudo o que está dito pode ser transcrito sob pena de o espectador não conseguir assistir confortavelmente ao filme ou programa, essas legendas são condensadas, seguindo os seguintes parâmetros: 1s (meia legenda) = 14, 15 ou 16 caracteres; 2s (uma linha de legenda) = 28, 30 ou 32 caracteres, 3s (uma linha e meia de legenda) = 42, 45 ou 48 caracteres; 4s (duas linhas de legenda ou uma legenda cheia) = 56, 60 ou 64 caracteres. Essa relação tempo/caráter inclui espaço e pontuação (ARAÚJO, 2004b; DIAZ CINTAS; REMAEL, 2007). Esses parâmetros permitem harmonização entre imagem, áudio e legendas. Essa harmonia é conquistada com a redução do texto para que o espectador tenha tempo de ler as legendas, desfrutar das imagens e ainda ouvir o áudio original, se for do seu interesse.

As legendas para surdos, por outro lado, não adotam esse tipo de procedimento. Aqui usamos o modelo norte-americano de *closed caption*. Nesse sistema, as legendas são convertidas em códigos eletrônicos e inseridas na linha 21 do intervalo vertical em branco do sinal da TV, ou seja, na barra horizontal localizada entre as imagens da televisão. O telespectador acessa a legenda por meio de um decodificador localizado no controle remoto do televisor. Essa legenda é produzida por um profissional chamado estenotipista (*stenocaptioner*), utilizando o estenótipo (*steno-type*), tipo de teclado ligado a um estenógrafo computadorizado. O estenotipista precisa ser um bom digitador, pois necessita digitar em média 150 palavras por minuto. Algumas vezes, durante a legendagem em tempo real, é necessário traduzir a fala rápida dos apresen-

tadores e repórteres. Alguns chegam a pronunciar 187 palavras por minuto, como é o caso do repórter Cléber Machado (KLEIN, 2000).

O Brasil adotou a tecnologia norte-americana e também sua concepção de tradução, pois utiliza, de um certo modo, a visão de tradução daquele país. A legenda para surdos, diferentemente da de ouvintes, não é editada, constituindo-se numa transcrição da fala. Parece haver uma crença de que o nível de leitura dos surdos é mais elevado do que o dos ouvintes. Pesquisas sobre o assunto desmentem essa afirmação (DE LINDE; KAY, 1999; FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, 2004a; ARAÚJO, 2005, ARAÚJO, 2007). Ao contrário do que se pensa, os surdos têm maior dificuldade de leitura na língua oral de seu país, porque esta funciona como segunda língua para eles, sendo a língua de sinais sua primeira língua. Essa visão bilíngüe vem sendo absorvida vagarosamente, visto que o bilingüismo só começou a ser discutido a partir de 2002 com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como a língua da comunidade surda do nosso país (Lei n.º. 10.436 de 24/04/2002). Na verdade, os surdos brasileiros ainda aprendem o português como língua materna, apresentando, por essa razão, baixa proficiência no idioma, principalmente no que diz respeito à leitura e escrita.

Nos estudos realizados (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, 2004a; ARAÚJO, 2005; ARAÚJO, 2007), pudemos constatar essa afirmação. Para verificar a recepção de surdos cearenses às legendas da Globo, utilizamos questionários de múltipla escolha. Contrariando nossas expectativas, esses questionários não facilitaram a participação dos surdos, que não entendiam as opções, tendo o intérprete que explicá-las individualmente. Esse episódio tornou o teste mais longo e cansativo do que esperávamos. Além disso, este fato também antecipou um pouco os resultados da experiência, porque nos fez supor que, se os surdos tinham problemas de leitura em um texto monosemiótico, provavelmente teriam dificuldades de lidar com um texto polissemiótico que envolve elementos verbais e visuais (GOTTLIEB, 1998, p. 244). De fato, os resultados sugeriram que a condensação e a edição das legendas são elementos fundamentais para tornar mais eficazes a leitura e compreensão destas para os espectadores surdos.

Parece haver um consenso de que a legendagem para surdos deve ser uma transcrição, porque não se trata de uma tradução. Não deve ser do conhecimento dos profissionais da área de audiovisual que os estudos de tradução reconhecem a existência de três tipos de tradução: a interlingüística (texto de partida e chegada em línguas diferentes); a intralingüística (texto de partida e chegada na mesma língua); e a inter-

semiótica (texto de partida e chegada em meios semióticos diferentes, do visual para o verbal e vice-versa). (JAKOBSON, 1995) Até o governo parece partilhar dessa visão, quando, ao aprovar a lei de acessibilidade (Norma complementar 01/2006, portaria 310 de junho de 2006 que complementa o decreto nº. 5296 de 2004), não reconhece o status de tradução nem da legendagem para surdos e nem da audiodescrição para cegos. Vejamos como os termos são definidos na portaria 310:

3.2. Legenda Oculta: corresponde à **transcrição** [grifo nosso], em língua portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva.

3.3. Áudio-descrição: corresponde a uma **locução** [grifo nosso], em língua portuguesa, sobreposta ao som original do programa, destinada a descrever imagens, sons, textos e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência visual.

É preciso que haja uma discussão urgente sobre essa questão, visto que o governo já sancionou essa norma complementar, a qual prevê que em 10 anos as televisões do Brasil terão que legendar (para surdos) e audiodescrever (para cegos) toda a sua programação. Essa pesquisa visa contribuir para essa discussão, para que possamos dar acesso aos meios audiovisuais a esta grande parcela de cidadãos brasileiros.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1. Contexto

O estudo teve o suporte teórico dos estudos da tradução, mais especificamente da tradução audiovisual (TAV). A metodologia envolveu duas dimensões: uma descritiva e outra exploratória ambas pautadas por análises qualitativas e quantitativas. Como dissemos anteriormente, é também uma pesquisa de recepção, nova tendência metodológica dentro da TAV, a qual analisa como a tradução é recebida pelo público-alvo.

A pesquisa aconteceu no Instituto Cearense de Educação dos Surdos (ICES), mais especificamente no CAS (Centro de Atendimento aos Surdos) em Fortaleza. Enquanto o ICES cuida da educação básica, o CAS complementa essa educação com cursos de inglês, português para surdos, teatro etc. Nos estudos anteriores (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a, ARAÚJO, 2005, ARAÚJO, 2007), a escola ainda não tinha educação bilíngüe, ou seja, não reconhecia a LIBRAS como a língua da comunidade surda e a língua oral (português) como segunda língua. A abordagem era oralista, ou seja, a língua oral (português) era ensinada como primeira língua. Agora, mesmo

com a introdução do bilingüismo, os alunos ainda apresentam muitas dificuldades na comunicação em português.

3.2. Participantes

Participaram da pesquisa doze² surdos voluntários – nove deles são alunos do CAS, dos quais cinco são universitários e quatro de nível médio. Esses alunos faziam parte de uma turma experimental de ensino de inglês para surdos no CAS, ligada ao trabalho da mestrandia Aline Nunes de Souza. Aline é também intérprete de LIBRAS e atuou como intérprete nesse estudo. Além deles, contamos com mais três voluntários, professores de LIBRAS do CAS. Aliás, dois, dos nove alunos da turma de inglês, também são professores de LIBRAS.

3.3. Instrumentos

Constituição do corpus

Foram selecionados textos de gêneros diferentes da programação pré-gravada dos canais de televisão brasileiros: novela (Páginas da vida); revista eletrônica (Fantástico); programa de entrevista (Programa do Jô); documentário (Globo Repórter), programa de humor (A Grande Família) e filme (O Auto da Compadecida).

Questionários

Foram confeccionados questionários com perguntas abertas para cada um dos trechos selecionados. Em pesquisa piloto com a novela “Páginas da Vida”, as questões foram baseadas em De Linde e Kay (1999), que fizeram pesquisa semelhante com surdos ingleses. As perguntas versam sobre o conteúdo, a imagem e os pequenos detalhes destes programas, com o intuito de verificar o nível de compreensão dos surdos em relação ao conteúdo do programa e sua habilidade para fazer uso das legendas. As perguntas de conteúdo têm a intenção de verificar se os participantes compreendiam sobre o que versava o programa. As perguntas referentes à imagem e ao detalhe visavam checar se os sujeitos conseguiam integrar imagem, fala e legenda para assistirem ao programa. Além desse tipo de pergunta, também foram produzidas questões de avali-

² Agradeço a colaboração de Daniel, Raimunda Kylvia, Adriano, Ellen, Kátia, Sérvulo, Vanessa, Hermerson, Priscila, João Martins, Rundesth, Sandro, Willer, Máisa e Lyvia. A lista têm mais de 12, porque alguns se juntaram ao grupo original no final da pesquisa.

ação para que o surdo pudesse opinar sobre as diferentes legendagens. Esse formato tornou-se problemático, conforme será comentado a seguir. Resolvemos mudar o procedimento por dois motivos. O primeiro foi a já citada dificuldade dos surdos para escrever em português. Os dois primeiros dias de experimento demoraram bastante. Os participantes ficaram muito cansados, preferindo comunicar-se em LIBRAS, que é o que ocorria logo após o término dos questionários.

O segundo referia-se às perguntas sobre a imagem presentes no questionário. Essas perguntas testavam muito mais a memória do que a visibilidade das legendas. Por essa razão, decidimos eliminá-las. Ao invés disso, solicitamos que os participantes da pesquisa escrevessem em um papel o que entenderam do trecho. Ainda não é o ideal. O melhor seria se pudéssemos fazer o teste individualmente, porém isso seria inviável com esse grupo, já que são militantes da causa dos surdos e possuem uma agenda lotada de compromissos. Até mesmo o encontro mensal que tínhamos com eles nem sempre contava com a presença de todos. Então, essa estratégia pareceu ser a mais acertada.

3.4. Procedimentos e análise dos dados

Dimensão Descritiva: Legendagem dos Trechos

Os filmes foram legendados com o auxílio de um software de legendagem, o programa *Subtitle Workshop* (SW) versão 4.0 (desenvolvido pela URUsoft - <http://www.urusoft.net> - esse software não precisa de licença, é *freeware*). Com ele é possível desenvolver todas as etapas do processo tradutório: 1) MARCAÇÃO; 2) TRADUÇÃO; 3) REVISÃO (ARAÚJO, 2004b). Abaixo podemos ver a tela principal do programa.

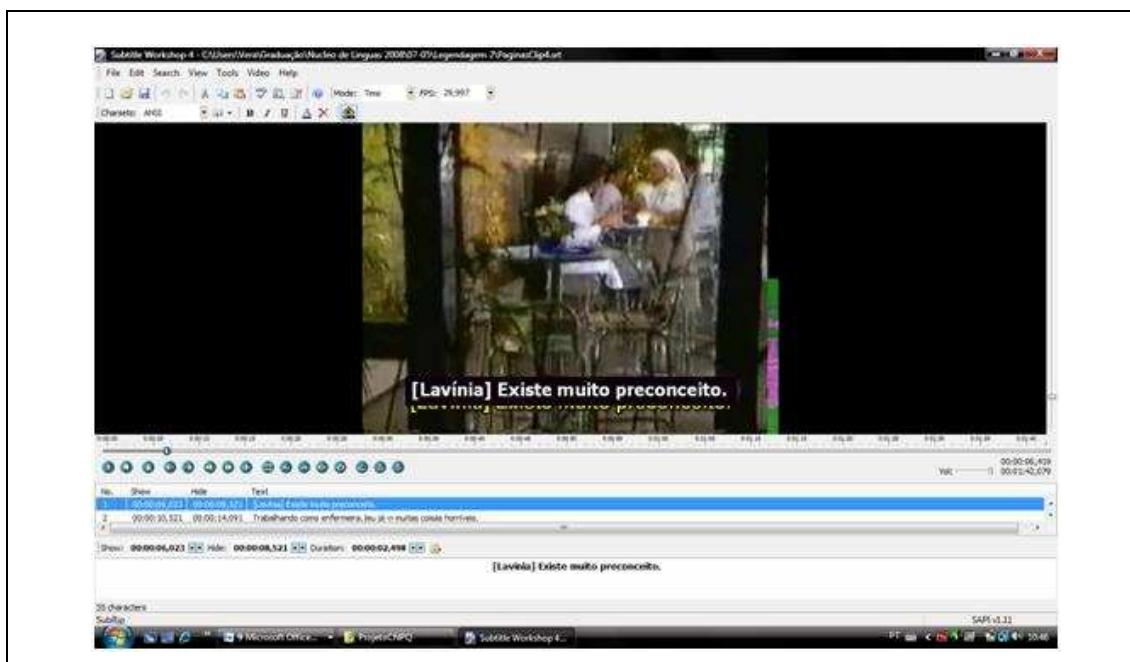


Figura 3. Tela do *subtitle workshop*.

No menu VIDEO, podemos carregar o filme e no menu FILE (arquivo), carregar as legendas se elas já existirem ou começar uma legendagem nova. Podemos ver o filme com as legendas à medida que vão sendo confeccionadas. É possível também escolher o formato da legenda (configurações que são a fonte, cor, tamanho etc.) no menu EDIT ou com um simples toque com o botão direito do *mouse*. Além disso, podem-se visualizar à esquerda os tempos do filme (o total e o que está sendo trabalhado). As linhas abaixo e à esquerda da tela trazem os tempos iniciais e finais da marcação, assim como a duração da legenda.

Os trechos foram legendados levando em conta os seguintes parâmetros de leitura: 1s (meia linha) - 14 caracteres; 2s (1 linha) - 28 caracteres; 3s (1 linha e meia) - 42 caracteres; 4s (2 linhas) - 56 caracteres. Esse foi o parâmetro que, segundo os sujeitos, os permitiu assistir aos trechos legendados com mais conforto. Esse padrão foi escolhido no primeiro encontro com os surdos no CAS, quando mostramos um trecho da novela *Páginas da Vida*, legendado conforme os padrões da Globo e dos parâmetros utilizados para ouvintes.

Como exemplo, vejamos a legendagem de um trecho do Programa do Jô. Nele, o apresentador entrevista duas medalhistas do Judô dos Jogos Pan-Americanos do Rio:

Tabela 1. Legendagem do *Programa do Jô*

FALANTE	FALA	LEGENDAS GLOBO	LEGENDAS EQUIPE
Jô	E agora vamos mandar brasa. (1)	E AGORA VAMOS MANDAR BRASA (1)	[Jô] Vamos chamar (1) duas moças que estão ali... (2)
	Aqui com duas moças que estão ali, ela está rindo pra mim, (2)	AQUI COM 2 MOÇAS QUE ESTÃO ALI, ELA ESTÁ RINDO PRA MIM, (2)	rindo pra mim. (3) [Risos] (4)
	que se você encontrar de madrugada, cuidado, o namorado (3)	SE VOCÊ ENCONTRAR DE MADRUGADA, CUIDADO, NAMORADO (3)	Se encontrá-las de madrugada, cuidado. (5)
	que atrasar também apanha, (4)	QUE ATRASAR TAMBÉM APANHA, (4)	Se o namorado atrasar, também apanha. (6)
	Daniele Zangrando e Priscila (5)	DANIELE ZANGRANDO E PRISCILA (5)	Daniele Zangrando e Priscila Marques!(7)
	Marques. Venham pra cá. (6)	MARQUES. (6)	[Aplausos] e [Música] (8)
		[APLAUSOS] (7)	[Música] (9)
	Agora com esse frio, vocês duas de sandalhinha. Não tão com (7)	[SEXTETO] >>JÔ: COM ESSE FRIO, VOCÊS 2 DE SANDALINHA. (8)	[Jô] De sandália nesse frio? (10)
	frio, não? (8)	NÃO ESTÃO COM FRIO, NÃO? (9)	[Risos] (11) Estão com frio? (12)
Priscila	Não, nervoso de estar aqui com você. No tatame a gente fica tranquila, mas aqui... no tatame fica (9)	>>NÃO SEI SE É FRIO OU MEDO. >>JÔ: MEDO?! (10)	[Priscila] Frio ou medo?[Risos] (13)
Jô	Imagina! Medo de quê? (10)	IMAGINA! MEDO DE QUÊ? (11)	[Jô] Medo!? (14) Medo de quê? (15)

Como podemos observar, nossa legenda é mais condensada e elaborada segundo alguns critérios de segmentação. O primeiro foi o corte. Sempre que tínhamos alguma mudança de cena, fazíamos uma nova legenda. Esse não foi o caso dessa tra-

dução do Programa do Jô, que possui poucos cortes, tendo basicamente três cenas: Jô e o convidado, platéia e sexteto.

O segundo critério de segmentação era relativo à pausa, sempre que um falante parava para respirar, tínhamos uma nova legenda, como podemos ver na fala 2, quando Jô faz uma pausa em “ali”. A fala dura 5 segundos, com uma pausa de um pouco menos de 1 segundo. A legenda da Globo (legenda 1) ficou o tempo inteiro na tela, inclusive antecipando a fala do Jô. Na nossa tradução, fizemos duas legendas (2 e 3), fazendo com que elas aparecessem à medida que o apresentador falava. Esse procedimento foi utilizado durante todo o trecho, fazendo com que tivéssemos seis legendas a mais. Também colaborou para esse número maior o fato de termos utilizado mais informações adicionais. Enquanto a Globo exibiu quatro, nós fizemos dez informações entre identificação do falante e efeitos sonoros.

O último critério de segmentação era a sintaxe. Toda legenda deve encerrar um pensamento completo, sob pena de o espectador não entendê-la. Na Globo, houve separação de sujeito e predicado (“namorado que atrasar - legendas 3 e 4) e verbo de complemento (“não tão com frio” - legendas 7 e 8). Esses procedimentos são os correntemente usados em legendagem para ouvintes. Quanto menos tempo o espectador passar lendo a legenda, mais tempo terá para desfrutar do filme ou programa.

Dimensão Exploratória: Encontros no CAS

Realizamos uma pesquisa piloto com a novela “Páginas da Vida” com o intuito de testar a metodologia e fazer ajustes nela se necessário. A princípio, o objetivo era mostrarmos aos surdos cinco trechos de um capítulo da novela global “Páginas da Vida”. Esses trechos seriam apresentados com quatro legendagens diferentes, a da Globo e as outras seguindo os parâmetros da tradução para ouvintes.

Após cada trecho assistido, os surdos responderiam a um questionário a respeito do mesmo. Entretanto, os sujeitos sentiram dificuldades ao responderem o primeiro questionário, por causa de seus conhecimentos de português, como já foi mencionado.

Depois desse, tivemos mais sete encontros mensais com os surdos, sempre com programas diferentes, alternando a legendagem da Globo com a nossa (usando o parâmetro de 1s=14 caracteres, que foi o escolhido por eles na pesquisa piloto). Esses encontros foram mediados pela intérprete e filmados pela equipe. Ao final foram analisadas essas filmagens, avaliando as legendagens, e os textos produzidos por eles so-

bre o que tinham entendido do trecho. Ambos serviram de base para desenharmos o modelo de legendagem para surdos.

4. O MODELO PROPOSTO PELOS SURDOS CEARENSES

Pesquisa Piloto

A princípio, o objetivo era mostrarmos aos surdos cinco trechos (cada um com aproximadamente dois minutos) de “Páginas da Vida”. Esses trechos seriam apresentados com várias legendagens diferentes, a primeira com a da Rede Globo. A segunda, a terceira e a quarta com os parâmetros de 1s= 16, 15 ou 14 caracteres, respectivamente, com legendas elaboradas por nós membros da pesquisa. Todos os trechos teriam sempre sua primeira exposição precedidos da legendagem produzida pela Globo.

Após cada trecho assistido, os sujeitos teriam que responder ao questionário a respeito do mesmo. Entretanto, os surdos não conseguiram respondê-lo, por causa da falta de proficiência em português. Como esse procedimento levou muito tempo, conseguimos mostrar somente o primeiro trecho selecionado que trazia uma conversa informal entre os personagens de Gisele e Luciano conversando sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano de adolescentes: ida à escola, programas de final de semana etc.

O questionário continha doze perguntas, das quais quatro eram avaliativas. A média de acerto deles foi de 35%. Somente dois sujeitos tiveram média de acerto de 80%, porque eram mais familiarizados com o português e acompanharam alguns capítulos das novelas. Isto pode ter ajudado na compreensão do trecho. Entretanto, esse fator não deve ter sido fundamental para a boa recepção, já que outros surdos do grupo que não se saíram bem também assistiam à novela. Esses participantes erraram perguntas simples e óbvias, demonstrando que as legendas não os ajudaram a entender o trecho. Por exemplo, em uma pergunta, acertaram que os dois jovens iriam com a mãe de Luciano para a dança, mas não souberam dizer qual seria a dança. Responderam “forró” ao invés de “salsa”, o que só poderia ser compreendido pela leitura da legenda. Pelos resultados obtidos, pudemos ver que esses surdos não conseguiam entender o trecho com as legendas da Globo, corroborando a constatação feita na pesquisa realizada em 2002 (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004a, 2005 e 2007).

Agora, vejamos a análise das perguntas que avaliaram as legendagens. A primeira foi: “com a legendagem, é possível entender o assunto da conversa dos dois

jovens?” A maioria respondeu que sim, mas dois deles reclamaram da rapidez das legendas. Como na pesquisa de 2002 (FRANCO; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO 2004, 2005 e 2007), foi difícil convencer os surdos de que o que estava sendo testado eram as legendas e não a compreensão leitora deles. A análise do questionário indica que a maioria não conseguiu entender o trecho, não apenas pelo pouco domínio do português, mas também por causa da rapidez da legendagem. A pesquisa de 2002 mostrou que essa legenda, quando exibida com o volume abaixado, traz dificuldades até para ouvintes.

Na verdade, os participantes da pesquisa podem ter respondido afirmativamente para que não pensássemos que não conseguiam ler em português. À medida que fomos mostrando legendas mais condensadas e eles foram se sentindo mais confortáveis para assistir à novela, as dificuldades com as legendas da Globo foram sendo relatadas. As principais reclamações foram a respeito do formato: a letra maiúscula (preferiram a nossa minúscula) e a densidade das legendas da Globo (notamos que preferiram a nossa legenda de 1s= 14 caracteres).

À segunda pergunta (você conseguiu prestar atenção em todos os detalhes da cena ou estava ocupado lendo as legendas?), somente um disse que conseguia ver todos os detalhes. Seus resultados sugerem que, ele, na verdade, entendeu muito pouco do trecho. Acertou apenas 20% das perguntas. Até os dois surdos que tiveram o melhor desempenho reportaram que, devido à rapidez das legendas, detalhes da cena passaram despercebidos. O restante nem mesmo soube opinar sobre o assunto. Quanto à terceira pergunta (você prefere que as legendas tenham tarja preta ou não?), os surdos disseram que a tarja preta é necessária, porém, quando abrimos o programa *Subtitle Workshop* e mostramos a eles as opções de formato de legenda, esse recurso perdeu a importância. No entanto, apesar de não terem visto problemas na visibilidade das legendas da Globo, letras brancas em fundo preto, preferiram a cor da fonte amarela apresentada pela nossa equipe.

Alguns sugeriram que os personagens também fossem identificados por cores diferentes, depois chegaram à conclusão de que isso talvez mais prejudicasse do que ajudasse na recepção das legendas. De fato, conforme veremos a seguir, eles não conseguiram identificar os personagens com esse recurso que faz parte do modelo europeu de legendagem para surdos.

No que diz respeito à quarta pergunta (você consegue saber quem fala na cena?), todos foram unânimes quanto à necessidade de identificação do falante. No começo, queriam que a identificação aparecesse em cada legenda, mas, ao serem infor-

mados de que, com isso, elas ficariam mais densas e semelhantes às da Globo, concordaram que essa indicação fosse colocada pelo menos quando há troca de turno. Traduzimos novamente todos os trechos da novela “Páginas da Vida”, respeitando as sugestões dadas por eles para testá-los novamente no segundo encontro. Nesse dia usamos filmadora e gravador digital.

Embora tenhamos analisado todas as seqüências, apenas dois questionários foram aplicados. Decidimos nos concentrar na opinião oral dos participantes da pesquisa por meio da LIBRAS, porque os surdos começaram a ficar entediados com a escrita dos questionários e ansiosos para se comunicarem na língua de sinais. Novamente, as dificuldades com o português ficaram evidentes. Acompanhar a novela ficou mais fácil agora (média de 60% de acertos contra 35% do teste anterior). Esse resultado indica que o parâmetro de condensação de $1s=14$ caracteres pode ser aquele que atenda às necessidades da comunidade surda brasileira. Em um dos trechos exibidos, que trazia uma discussão em uma reunião de professores sobre a inclusão de uma menina com síndrome de Down em uma classe regular, esperávamos que a recepção fosse problemática devido ao número de falantes e à alta densidade lexical. Para seguir o que estava sendo falado, o espectador precisaria lidar com falas de até 160 palavras por minuto. Entretanto, os números dizem que esses aspectos não impediram a recepção, sugerindo que esse nível de condensação é o ideal para os surdos brasileiros.

Corroborando os dados quantitativos, a avaliação qualitativa das legendas produzidas pela equipe foi também positiva. Os surdos confirmaram que, com a nova legendagem, conseguiram assistir à novela confortavelmente. Não tiveram problemas em captar os detalhes e identificar os falantes. Além das sugestões mencionadas acima, acrescentaram mais três para ajudar a construir o modelo.

A primeira sugestão diz respeito à legendagem de efeitos sonoros, mesmo que seja possível inferir esse elemento pela imagem, conforme relatado acima. A segunda refere-se à trilha sonora de “Páginas da Vida” composta de diferentes estilos musicais: bossa nova, rock e música clássica. Nossas legendas continham informações sobre os estilos, enquanto as da Globo eram assinaladas apenas com uma nota musical. A maioria preferiu a opção da Globo, dizendo que, como não ouvem, não há relevância em distinguir que tipo de música está tocando. A terceira relaciona-se ao texto. As legendas para ouvintes no país seguem as regras da gramática formal para textos escritos, distanciando-se assim da oralidade esperada nesse tipo de produção audiovisual. Os informantes endossaram essa prática, pois, como bilíngües, provavelmente só lidarão

com o português escrito. Esse tipo de tradução seria mais uma maneira de lidar com essa modalidade de nosso idioma, podendo facilitar a comunicação com os ouvintes.

As Outras Seções

Todas as outras seções confirmaram os resultados da pesquisa piloto. Na terceira seção, que abordava um programa humorístico (A Grande Família), esperávamos que a recepção fosse também prejudicada pela questão cultural, pois o que é cômico para os ouvintes pode não ter o mesmo efeito para os surdos. No entanto, não foi isso que aconteceu. Os sujeitos riram muito durante a seção e disseram o seguinte:

“A cena do cigarro foi muito engraçada”

“A história do ônibus também foi muito engraçada”

“Talvez o que é engraçado pro surdo não seja, necessariamente, engraçado para o ouvinte e vice-versa”

“A imagem ajuda muito a deixar engraçado”

“Precisamos de legenda + imagem para acharmos algo engraçado e se não tivesse a legenda, só teria dado para entender um pouquinho”.

Na sétima seção, resolvemos introduzir também o modelo português de legendagem. Essa foi a sugestão dos participantes do Congresso *Media for All*, realizado em Leiria, Portugal, em 2007. Para os pesquisadores e surdos europeus, os brasileiros deveriam também conhecer outro sistema de legendagem para poderem decidir sobre o que seria melhor para eles. No sistema europeu, a distinção dos falantes é feita por meio das cores. No modelo desenvolvido por Neves (2005 e 2007) em Portugal, o falante é identificado pela legenda colocada sobre ele ou em colchetes com a cor amarela. Quando o falante está em cena, a legenda é branca com tarja preta. Quando o falante não está em cena, ou não se pode distinguir quem está falando, a legenda deve ser amarela sem tarja e identificada com o nome desse falante entre colchetes. No Brasil, a diferenciação é feita com a legenda sobre o personagem ou com a informação entre colchetes.

Foi legendado, utilizando o modelo europeu, um trecho do “Retrato Falado”, quadro do Fantástico protagonizado por Denise Fraga. Os surdos tiveram melhor desempenho com o nosso modelo. Isso pode ter acontecido porque foi a primeira vez que os participantes foram expostos a esse tipo de tradução. Podem ter estranhado a diferença de pontuação entre os dois sistemas. Por exemplo, a voz filtrada (telefone, televisão, rádio etc. com o falante fora da tela) é assinalada no nosso modelo pelo itálico, enquanto, no europeu, essas informações aparecem em cor amarela.

Entretanto, como metade dos participantes compreendeu o texto, podemos dizer que houve boa recepção. Essa diferença de desempenho pode ter sido influenciada pelo estranhamento do novo tipo de legendagem. Além disso, a recepção dos sujeitos com as legendas européias é bem superior à recepção com as legendas da Globo. Os motivos alegados referiam-se a vários fatores, como a troca freqüente de cores e a disposição das legendas na tela. Com relação às cores, os participantes disseram que não entenderam o porquê da mudança contínua, pensando que, para cada personagem, fosse uma cor diferente; depois entenderam que as cores mudavam quando o falante estava em cena ou não. Entretanto, mesmo depois desse entendimento, disseram que a mudança de cores e a localização das legendas em diferentes lugares da tela tornaram a leitura confusa e cansativa. Para eles, a utilização de uma só cor (de preferência amarelo sem tarja), como nos filmes em DVD, facilitava o entendimento do programa.

A preferência pelo nosso modelo pode ter acontecido devido ao hábito de estarem lidando com ele há quase um ano. A proposta definitiva de um modelo de legendagem para o Brasil necessita de uma melhor avaliação para chegarmos a resultados conclusivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou os resultados de um estudo cujo objetivo principal era construir um modelo de legendagem para os surdos no nosso país. Abordou basicamente duas questões: qual seria o nível de condensação e o formato necessário para que o surdo brasileiro assista confortavelmente a produções audiovisuais.

Os sujeitos da pesquisa, apesar de serem universitários e pré-universitários, sendo alguns deles já professores de LIBRAS, apresentaram a mesma dificuldade de leitura dos participantes da pesquisa de 2002, demonstrando que a proficiência leitora em português é um fator a ser levado em conta quando da produção de legendas para surdos no Brasil. Claro que o número de sujeitos não nos permite chegar a resultados definitivos. Necessitamos de uma pesquisa com surdos de todas as regiões do Brasil, para podermos comprovar essa hipótese. Essa pesquisa mostrou que as legendas para surdos devem condensar aproximadamente 30% daquilo que é falado, ou seja, para cada 1s de fala, devemos traduzir o que foi dito com 14 caracteres.

Para os nossos consultores surdos o melhor formato seria: 1) Cor - legendas amarelas em fundo transparente; 2) Identificação do falante - o falante deve ser identificado sempre que houver mudança de turno e essa identificação deve vir entre colchetes; 3) Voz filtrada - voz em *off* vinda da televisão, do telefone, do rádio, de alguém que não aparece na tela deve vir em itálico; 4) Efeitos sonoros - sempre traduzidos, mesmo que a ação seja visível na tela; 5) Linguagem - uso da norma culta do português, visto que, como são adeptos do bilingüismo, usam a LIBRAS para se comunicarem oralmente e o português para se comunicarem por escrito, já que a LIBRAS não tem uma forma escrita; 6) Música - somente a nota musical deve sinalizar a música e os ritmos musicais não precisam ser discriminados, a não ser que sejam a música tema do programa ou filme ou de algum personagem.

Entretanto, ainda falta muito para chegarmos a conclusões mais confiáveis. O modelo europeu também precisa ser mais bem testado. A pesquisa de recepção a ser realizada no resto do país deverá trazer resultados mais conclusivos. O que sabemos com certeza é que o modelo atual necessita de ajustes para se adequar às expectativas do público surdo do nosso país. Espera-se que a discussão realizada aqui contribua para assegurar ao público surdo o direito ao lazer proporcionado pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, V. L. S. Closed subtitling in Brazil. In: ORERO, P. (ed). **Topics in audiovisual translation**. 1. ed. Amsterdã: John Benjamins, 2004a, v. 1, p. 199-212.
- _____. To be or not to be natural: clichés of emotion in screen translation. In: GAMBIER, Y. (ed). **Meta**. v. 49, n. 1, 2004b, p. 161-171.
- _____. A legendagem para surdos no Brasil. In: LIMA, P. L. C; ARAÚJO, A. D. (eds). **Questões de Linguística Aplicada**: miscelânea. Fortaleza: EdUECE, 2005, p. 163-188.
- _____. Subtitling for the deaf and hard-of-hearing in Brazil In: DIAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A.; ORERO, P. (eds). **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language**. 1. ed, Kenilworth, Nova Jersey, EUA: Rodopi, 2007, v. 30, p. 99-107.
- DE LINDE, Z.; KAY, N. **The semiotics of subtitling**. Manchester: St. Jerome, 1999, 107 p.
- DIAZ CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual translation**: subtitling. Manchester: St. Jerome Publishing Company, 2007, 272 p.
- DONALDSON, C. Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing. In: GAMBIER, Y. Berlin: **Languages & the Media** - 2nd International Conference and Exhibition, 1998.
- FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. L. S. Reading Television - Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. In: GAMBIER, Y. (ed). **The translator**. Manchester (Inglaterra): 2003, v. 9, n. 2, p. 249-267.
- GOTTLIEB, H. Subtitling. In: BAKER, M. (ed). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, Manchester: St. Jerome, 1998, p. 244-248.

IVARSSON, J. **Subtitling**. Simrishamm, Suécia: TransEditHB, 1998, 182 p.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. Trad. Izidoro Blikstein. In: JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 63-86.

KLEIN, M. Legendagem de programas ainda é pouco utilizada na TV brasileira. **Folha de São Paulo**, 03 set. 2000.

NEVES, J. **Audiovisual translation: subtitling for the deaf and the hard of hearing**. Tese de Doutorado: Universidade de Surrey Roehampton, Inglaterra, 2005. Disponível em: <<http://rrp.roehampton.ac.uk/artstheses/1>>.